# O discurso mental de Thomas Hobbes - 16/01/2023

\_Mostra que há um discurso privado, mental, anterior ao discurso público no  
uso da linguagem pelos modernos\*\*[i]\*\*\_  
  
Hacking se refere a Mill (1844) como ponto de partida no tratamento da  
linguagem, porém por “razões menores”, como a prevenção de erros ou destacando  
a importância das proposições. É um marco, posto que antes dele havia o  
predomínio das ideias que não estavam diretamente ligadas ao significado,  
conceito associado à análise da linguagem atualmente. Então, a linguagem, na  
modernidade, era importante, mas em outros termos.  
  
Para Hobbes (1651), a fala era uma transferência do discurso mental ao verbal,  
cada discurso seguindo um fluxo separado. Mas, o fluxo do pensamento seria  
pré-linguístico, isto é, depois era verbalizado para que pudesse ser  
comunicado. Se, para Hobbes, era tarefa da linguagem comunicar pensamentos,  
Berkeley também enfatizava seu papel em despertar emoções e dissuadir ações,  
como que para despertar nossos pensamentos nos outros.  
  
Portanto, no século XVII, havia uma preocupação em livrar o pensamento da  
linguagem que, pública, levaria ao erro. De um lado o discurso verbal que era  
usado para comunicação e, de outro, o pensamento verdadeiro, haja vista a  
proposição de Descartes de escrutinar as ideias. Hacking acredita que não  
havia uma teoria do significado naquele tempo, mas uma teoria da linguagem  
autodidata baseada no mental[ii]. E também não acredita na divisão das teorias  
do significado, como a proposta por Alston, entre ideacional, referencial e  
comportamental.  
  
Na teoria ideacional, o significado de uma palavra é a ideia em nossa mente  
que ela representa, isto é, quando proferimos uma frase nos referimos à ideia  
de algo, como um evento (um churrasco), etc. Na teoria referencial, o  
significado é o próprio evento e, no caso da comportamental, se verifica o que  
as pessoas fazem ao ouvir palavras. Hacking investiga com base nessas  
definições: Locke (40 anos depois de Hobbes), seria ideacionista? Para ele, as  
palavras são marcas sensíveis das ideias, são signos das ideias.  
  
Para Hobbes, as palavras também são marcas ou signos e os nomes não são das  
coisas, mas há dificuldade de atribuir uma teoria do significado, pois, a  
definição de signo é outra. Aqui “significa” tem o sentido de “precede”, como  
uma nuvem carregada precede a chuva – é como que inferir o pensamento a partir  
do que é dito, não que ‘signifique”. Na verdade, segundo Hacking, Hobbes tanto  
poderia ser ideacionista como referencialista, pois uma palavra é dita depois  
de uma ideia e uma palavra produz (significa) no ouvinte um pensamento, mas  
ela realmente significa o que se refere[iii].  
  
Hacking está enfatizando uma dificuldade de categorizar um discurso moderno  
sobre a linguagem, uma teoria do significado. Ele chega a aproximar Hobbes de  
Grice, uma teoria comportamental que seria a atual teoria intencional de  
Grice, quando o falante pretende que o ouvinte infira o significado do que é  
dito. Insere-se no campo da comunicação e intenção de comunicar. Portanto, ou  
Hobbes passou pelas três caracterizações em seus textos, ou ele não possuía  
uma teoria do significado, isto é, tinha outras preocupações, como uma teoria  
do pensamento.  
  
Pensamento que é associado ao discurso mental, às ideias, ao passo que agora  
tratamos a linguagem de um jeito novo. E as palavras, que são signos das  
ideias, ideias estas que, no século XVII, queriam dizer algo que Hacking  
tentará explicar nos outros capítulos do livro. Por fim, ele ressalta que  
embora Hobbes seja reconhecido por sua teoria política, ele dá ênfase à  
natureza humana e à comunicação, já que o animal político é animal faltante.  
Analogamente, tanto indivíduos constituem um estado, quanto o discurso mental  
é constituído antes do discurso público.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] HACKING, I. \_Por que a linguagem interessa à filosofia?\_ São Paulo:  
Editora Unesp, 1999. \_2\. O discurso mental de Thomas Hobbes\_ – p 23.  
  
[ii] Aqui cabe relembrar que no idealismo de Berkeley não existia matéria,  
todos os existentes eram mentais.  
  
[iii] Omitimos as citações a Hobbes, se é o caso referir ao original.